



REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

O candomblé na roda do tempo: Internet, pandemia, literatura e os novos sacerdotes¹

Reginaldo Prandi²

1. Texto baseado na conferência de encerramento do II Ciclo Internacional de Conferências Brasil: Poética da Diáspora Africana, realizado pelo Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, em Cachoeira (BA), de 9 a 13 de maio de 2023. O autor agradece a Marcos Ramos, que organizou e coordenou esse encontro, pelo convite para participar desse ciclo em Cachoeira e pela direção da sessão em que as ideias aqui reproduzidas foram expostas.

2. Sociólogo, professor titular sênior do Departamento de Sociologia e professor emérito da Universidade de São Paulo, pesquisador sênior do CNPq e autor de *Mitologia dos orixás*, *Os candomblés de São Paulo*, *Brasil africano*, *Aimó* e *Segredos guardados*, entre outros livros.

Reginaldo Prandi

Resumo: Este artigo está centrado em mudanças significativas sofridas pelo candomblé nos últimos anos, especialmente durante o período da pandemia de Covid-19. Procura ver os efeitos no candomblé pela incorporação da internet no cotidiano da maioria da população, independentemente da religião de cada um, bem como do uso generalizado do *smartphone* e o acesso facilitado às redes sociais. Com o fechamento dos terreiros imposto pelas medidas de combate à pandemia, o candomblé também se valeu da comunicação por aplicativos e redes, o que incluiu a realização de lives por parte de pais e mães de santo e o atendimento por meio do jogo de búzios. Em paralelo, novos hábitos já vinham sendo introduzidos pela leitura. Passada a pandemia, algumas práticas novas foram mantidas pelo menos em parte ou como alternativa. No âmbito mais geral, mudanças também foram relatadas no texto a respeito do surgimento de uma nova modalidade religiosa no seio das crenças afro-brasileiras, que pode afetar o candomblé.

Palavras-chave: Mudança religiosa; Candomblé em mudança; Candomblé na pandemia; Sacerdotes de Ifá; Internet e candomblé; Literatura e candomblé.

1

Religião, como qualquer outra instituição social, muda o tempo todo, embora cada uma geralmente se apresente como o verdadeiramente legítimo e único guardião imutável da tradição, das crenças e costumes que sempre teriam sido assim, desde o começo dos tempos. Cada religião é o repositório único da verdade eterna. É de se esperar, assim, que entrem em conflito entre si.

Tal verdade precisa ser interpretada e, com a formação interna de grupos que se separam por linhas diferentes de interpretação, a religião pode sofrer cismas, proclamar heresias e perseguir os que dela comungam, levar à guerra entre os que seguem interpretações diversas. Tudo isso é fonte de mudança e formação de novas correntes e igrejas. Quem tem mais idade pode ter acompanhado essas mudanças de perto, acontecidas nas mais diferentes religiões (Camargo et al., 1973; Pierucci; Prandi, 1996). Pode até ter testemunhado o nascimento de novas religiões. E a morte de outras. Quem não pôde acompanhar pode ler nos livros.

Por princípio, a religião é fonte de identidade e integra-

Reginaldo Prandi

ção social, o que junta, interpreta o mundo e orienta como se deve viver nele. No Ocidente, do século IV até o século XIX, mais ou menos, a Igreja Católica foi a fonte maior que amarrava a sociedade, legitimava os governantes, sagrava os reis e rainhas, selava os pactos entre nações e fazia a guerra com os desviantes. Não é mais assim, a religião perdeu seu lugar de piloto do mundo, foi deixada para trás pela secularização, mas nunca se conformou com o papel de segundo violino da orquestra, como gostava de explicar Candido Procopio Ferreira de Camargo (Camargo et al., 1984; Pierucci, 2004).

■ No Brasil temos tido ótimos exemplos da reação das religiões no sentido de se envolverem com a política partidária, esfera da qual havia muito foram excluídas. Entre os católicos, o movimento esquerdista das comunidades eclesiais de base, à luz da teologia da libertação; entre os evangélicos, o ingresso na política e formação de bancada evangélica no Congresso Nacional associada a partidos de centro e de direita, à luz da teologia da prosperidade. Mudanças na religião importantes, nem sempre coerentes ou dotadas de sentido.

Tomemos o exemplo recente de um evento político capaz de mostrar de que forma a política pode se reconectar com a religião. Entre os milhares de manifestantes que se juntaram a

O candomblé na roda do tempo

Bolsonaro no dia 25 de fevereiro de 2024, quando o ex-presidente de triste memória veio a público pedir ao Congresso Nacional anistia a seus aliados golpistas do fatídico 8 de Janeiro, o que pretendiam mostrar muitos bolsonaristas que, de camisa verde e amarela, portavam a bandeira de Israel, também levantada pelo ex-presidente em certo momento?³ A razão é religiosa: esses porta-bandeiras eram evangélicos pentecostais que se imaginam religiosamente descendentes diretos do judaísmo, reconectando-se com uma origem que apaga seu passado católico seguido do passado protestante. Pensam-se como continuadores diretos da religião de Israel, que nem conhecem e, por essa suposta descendência religiosa, apoiam o atual governo daquele país, em sua política belicista à beira de executar a

3. Descrição do evento em <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/evangelicos-foram-principal-pilar-de-ato-pro-bolsonaro/>. Acesso em 7 mar. 2024.

Para um grupo de pesquisadores, as bandeiras de Israel num ato pró Bolsonaro evidenciam “um tipo de cristianismo conservador que vem crescendo no Brasil e na América Latina” [...], os quais passam a se identificar com um deus de Israel que promete riqueza e destruição dos inimigos daqueles que são seus filhos...” (Machado; Carranza; Mariz & Freston, 2024).

Reginaldo Prandi

extinção em massa dos palestinos ao seu redor. Impossível imaginar, anos atrás, um acontecimento como esse, muito menos suas motivações estrambóticas. Mas o fazem agora em nome de sua religião. Porque são filhos de Israel, ou porque os israelenses são cristãos, como chegaram a dizer à televisão que cobriu o ato bolsonarista, e os palestinos não são. Em suma, o evangélico brasileiro se sente ligado a Israel por ter sido a Terra Santa o berço do cristianismo; nessa “aliança”, assume como justo o lado da guerra que combate o Islã, mas é levado a essa posição por ser seguidor de Bolsonaro, que usa a religião em seu favor.

■ Esse retorno à política por esse seguidor do ex-presidente, que nem evangélico é, significa ser conduzido e não conduzir, numa inversão clara do que foi a relação entre religião e política. Aliás, a esposa de Bolsonaro, em sua pregação no início do evento, cercada das maiores lideranças evangélicas nacionais de direita, pronunciou: “Nós abençoamos, nós abençoamos Israel”. Grande transformação.

Nosso assunto aqui, contudo, é outro. Meu guarda-chuva temático é a mudança religiosa diante de novas situações e demandas sociais. O tema principal é o candomblé e as mudanças por ele sofridas nas últimas décadas, além do que já se sabe por muitos outros estudos (Prandi, 2020; 2022).

2

Para começar do começo, Exu.

Contam os antigos que uma pessoa apontada pelo oráculo do candomblé como sendo um filho ou uma filha do orixá Exu dificilmente seria iniciada para esse orixá, quebrando a regra que se aplicava a todos os demais orixás. No candomblé, todos os seguidores, isto é, os filhos e filhas de santo, têm seu orixá, divindade de que descendem espiritualmente, para a qual a pessoa deve ser iniciada e à qual renderá culto por toda vida. Mas no caso de Exu ser o dono da cabeça de alguém, não era bem assim. O mais comum era que tal pessoa fosse iniciada para Ogum, em geral para Ogum Xoroquê, qualidade do orixá guerreiro que revelava aos entendidos que no fundo tal filho ou filha pertencia mesmo ao orixá mensageiro. A razão era bem simples de se entender: receio que tal pessoa fosse vista como sendo filho ou filha do Diabo! Porque, desde os primeiros missionários e pesquisadores cristãos que chegaram à região da África que cultua os orixás, Exu foi identificado, por seus atributos e símbolos, com o demônio cristão, pecha que por séculos carregou, também no próprio meio dos de-

Reginaldo Prandi

votos das religiões afro-brasileiras (Prandi, 2012; 2023). Mas isso, em décadas mais recentes, mudou, ou começa a mudar com certa intensidade.

Hoje há muitos filhos e filhas de Exu devidamente iniciados para seu orixá, que exibem sua ascendência com zelo e orgulho. Essa aparentemente pequena alteração no processo identitário e iniciático do candomblé representa, de fato, uma grande mudança na religião como um todo; e dezenas de outras situações poderiam ser elencadas para ilustrar a força da mudança na religião, que, desde a chegada da modernidade, deixou de conduzir a sociedade em sua transformação permanentemente para ser por essa conduzida. Cabe hoje à religião atender às demandas sociais, ou dar lugar a outras religiões com as quais compete por adeptos, prestígio, legitimidade social e poder.

Nessa transformação, Exu ganhou muito, a ponto de ser o grande herói cantado e dançado por uma escola de samba campeã do carnaval do Rio de Janeiro em 2022, justamente num momento em que o governo municipal, que usualmente promove e financia o Carnaval na cidade, retira seu patrocínio, governo naquele momento em mãos de pentecostais, grupo que prega e promove uma constante tentativa de extinção das religiões afro-brasileiras, enquanto vão comendo

O candomblé na roda do tempo

pelas beiradas a hegemonia do catolicismo, que já perdeu para eles cerca de 40% de seus fiéis, numa explosão avassaladora de templos e denominações (Balloussier, 2023). Nesse contexto nada favorável à religião dos orixás, o candomblé, contudo, logrou garantir seus pequenos espaços, hoje pontuando um mapa que cobre o país todo e se esparrama pelos vizinhos latino-americanos, chega à Europa e se finca na cultura de onde quer que chega. Informações pormenorizados sobre qualquer coisa, pessoa, lugar, hospedam-se fartamente na nuvem, de onde suas informações, modelos e ensinamentos são acessados através da internet e manipulados por algoritmos escritos em tempos atuais, pouco devedores dessa ou daquela filiação religiosa e mais atentos às demandas sociais seculares. Mudanças fantásticas se embutem nessa história.

Falemos brevemente do orixá Exu, cultuado nas religiões afro-brasileiras como senhor da comunicação e do movimento. Exu, como orixá mensageiro, tem a obrigação de levar e trazer o que quer que seja, sem nenhuma restrição moral, desde que devidamente recompensado materialmente (Prandi, 2023), assim como o carteiro que entrega a carta sem se importar com seu conteúdo, desde que o selo pago esteja colado no envelope. Mas foi uma grande inven-

Reginaldo Prandi

ção do século XX, a internet, seguida do *smartphone*, que pôs à disposição de qualquer um uma imensidão de dados sobre o candomblé, seus orixás, seus mitos e ritos, e também um sem-fim de ideias e opiniões que contam a favor e contra essa vertente religiosa que se constituiu no Brasil com base na oralidade, no segredo e na iniciação individual e demorada. Segundo a religião, nada existe no mundo sem o patronato de um orixá determinado, e é fácil imaginar, na concepção religiosa, por que razão seria Exu, como dizem muitos, o senhor da internet, hoje alimentada pela humanidade numa velocidade impensável que favorece a alimentação de um outro “monstro” da nossa contemporaneidade, a inteligência artificial.

Ao tratar, neste texto, da religião dos orixás, por que o leitor logo vai se deparar com processos, invenções e máquinas que aparentemente nada têm a ver com a velha e tradicional religião trazida pelos escravizados africanos? Talvez nada tenham mesmo a ver com a religião, mas têm tudo a ver com a sociedade à qual as religiões de orixás e as demais religiões, sobretudo, servem.

Voltemos a Exu. Quando se trata desse orixá, antes de mais nada é preciso lhe dar algum agrado, um presente, uma

O candomblé na roda do tempo

comida. Afinal, ele é o senhor do movimento e, sem sua participação, nada pode acontecer, nem mesmo a imobilidade, o silêncio e a escuridão, uma vez que, segundo a ciência da física, estamos nos referindo aqui tão somente a um aparente grau zero da velocidade, do som e da luz. Talvez ele aceite uma oferta pouco comum, que não é de comer nem de beber, não é um templo nem uma roupa, mas faz parte do cardápio do lazer, da diversão. Sabemos que aos orixás se dá tudo aquilo com que o ser humano deve prover sua família, os meios de sobrevivência humana, a saber: alimentação (comida e bebida), abrigo (casa e vestuário) e diversão. ■

Orixás, por sua origem africana de séculos passados, gostam de música e dança no ritmo conduzido pelos tambores, mas talvez aceitem outros meios de diversão cultivados pela humanidade nas partes do mundo que costumamos chamar de Ocidente, onde eles, os deuses que cruzaram o Atlântico no sentimento e memória dos escravizados, agora também habitam. Não custa tentar, afinal, as religiões mudam, é o que aqui se está afirmando e pretendendo mostrar de perto. Como aqui se escreve, o presente para Exu aqui oferecido, se isso pode ser dito desta forma, será igualmente um escrito, mais precisamente um poema, um soneto. Com o título “Exu”, o

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Reginaldo Prandi

soneto é a oferenda a nosso herói, nada mais que um soneto, a ser lido ou declamado:

Exu, mensageiro dos orixás,
Que guarda os segredos da encruzilhada,
És o senhor das transgressões e das trocas,
O elo que liga a Terra ao Além da jornada.

Com astúcia e sagacidade inigualáveis,
Nos dás o movimento e desatas os nós,
Transitas pelos mundos insondáveis
E nunca deixas a tristeza ser a voz.

És luz e sombra, riso e choro,
O bem e o mal que se entrelaçam,
Na dança sagrada do sagrado e profano.

Mas nem sempre és compreendido
Pela ignorância que te cerca e te ataca.
Exu, és mistério, és divindade, és sentido.

O candomblé na roda do tempo

Não fui eu que escrevi esses versos, nem saberia como fazer, não levo jeito para escrever poesia. E não foi nenhum outro ser humano que escreveu, não foi nenhum poeta, nenhuma poeta. Trata-se de uma escrita da inteligência artificial (IA). Eu solicitei a um *site*, que agora está muito na moda, o *chatGPT*, da OpenAI, que escrevesse um soneto sobre Exu, não indicando nenhum filtro, assunto ou condição. A IA estava livre para usar as bases de que dispunha na internet, todas as bases. Eu queria um soneto sobre Exu. O *chat* seguiria apenas suas regras, a que, já foi dito, se deu o nome de algoritmo.

Pois bem, para minha surpresa, o poema diz exatamente o que muitas pessoas, entre as quais me incluo, pensam de Exu, e que está registrado em livros e artigos de escrita mais recente que se esparramam pela internet. O que o poema fala de Exu é considerado por seguidores das religiões afro-brasileiras justo e verdadeiro, mas o que me parece mais surpreendente é que em nenhum momento o poema fala de Exu como se ele fosse o diabo, o capeta, um demônio, enfim, nem algum outro espírito do mal, como imaginam e propagam seus detratores e muitas das igrejas evangélicas, outras instituições e mesmo partidos políticos que professam o ódio às tradições afro-brasileiras e demonizam seus deuses e entidades santas.

REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

Reginaldo Prandi

Mais interessante ainda é que, ao se referir ao bem e o mal, fala do bem e do mal como coisas entrelaçadas, que se completam. No candomblé, a propósito, o bem ou mal não são dois polos que lutam entre si, mas duas condições que convivem, não existindo o bem sem o mal nem o mal sem o bem. O poema faz um jogo de oposições o tempo todo, como devia ser, em se tratando do orixá Exu. O resultado me pareceu muito interessante do ponto de vista de uma sociologia da religião, e adianto que não mudei nada do que o *chatGPT* entregou.

Para escrever sobre Exu, a IA (inteligência artificial) consultou certamente uma infinidade de textos disponíveis em sua base alimentada pela internet, e o que surpreende é que a maior parte dos textos escritos sobre Exu se refere a ele como entidade maléfica. Por que isso não é usado na construção do poema? Há, certamente, uma restrição nos textos hospedados na nuvem: o tempo. Livros e artigos mais antigos não foram ainda inteiramente digitalizados, ao contrário dos textos mais novos, que, esses sim, já incorporaram uma outra maneira de encarar os orixás e, entre eles, Exu. A base de dados usada pela inteligência artificial com informações e modos de ver é mais favorável a Exu porque seus textos são mais atuais. Significa que, desde o recente surgimento da internet, os textos acumu-

O candomblé na roda do tempo

lados, guardados e postos à disposição, já trazem uma concepção, digamos, revista do velho Exu, que tinha uma imagem muito negativa, que ainda predomina na visão de pelo menos um quarto da população brasileira, sobretudo a população evangélica, que parece que não é de escrever muito. Por isso, sua concepção demonizadora do orixá mensageiro ocupa um lugar menor na base acumulada na nuvem, de modo que os internautas pouco chegam a ela, assim como os motores da inteligência artificial.

É evidente que se se pegar os livros antigos, os relatos do passado, as matérias de jornal de outros tempos, certamente o Exu ali encontrado é outro. É de se esperar que, com o tempo, muitos desses textos mais antigos venham a ser digitalizados e acomodados em arquivos acessíveis por meio da internet, ampliando a base da inteligência artificial, para o bem e para o mal, mudando as fontes on-line de quem trabalha com a linguagem escrita. Também já se pode contar com bases de desenhos, fotos e outros gráficos, e programas de IA que operam com imagens.

De todo modo, o Exu de hoje é bem diferente daquele de ontem. Porque o mundo mudou, o tempo mudou, e as pessoas mudaram. Mais que isso: a religião mudou. Todas elas

Reginaldo Prandi

mudam, acompanhando as novas demandas da sociedade, lutando para se manterem igualmente aptas no atendimento das velhas e sempre presentes demandas tradicionais.

Por outro lado, a inteligência artificial não tem (pelo menos ainda) vontade própria e total liberdade de escolha. A IA depende de algoritmos que funcionam como filtros e fórmulas de decisão, escolha e composição que lhe dizem o que pode e o que não pode, uma espécie de orientação moral e mesmo legal, no sentido de que se deve tomar cuidado com aquilo que é politicamente incorreto, segundo definição da sociedade. E quem hoje define essa base moral tendem a ser os organismos que zelam pela democracia, pelos direitos humanos e liberdades do cidadão nesse meio. Então, se o poema “Exu” passou por esses filtros, ele é produto de um instrumento que reconhece as religiões (todas elas) com direitos que estipulam que chamar Exu de diabo é politicamente incorreto. Talvez por isso aquela imagem de Exu falsa e maledicente, alimentadora de preconceitos e racismo, não apareça aqui nem vá aparecer no futuro, a menos que o mundo seja politicamente virado de cabeça para baixo, o que esteve a ponto de acontecer muito recentemente no Brasil.

Como uma espécie de contrateste, solicitei ao *chatGPT* que definisse Exu em poucas linhas sob quatro condições, sepa-

O candomblé na roda do tempo

radamente: primeiro, seguindo a concepção de Silas Malafaia, pastor evangélico e político de direita dos mais aguerridos na luta contra o candomblé e demais expressões culturais de origem africana; segundo, na visão do bispo Edir Macedo, líder e fundador da Igreja Universal do Reino de Deus e proprietário da rede Record de televisão; em terceiro, uma definição com base no pensamento do poeta e compositor Vinícius de Moraes, um dos mais importantes renovadores da música popular brasileira, em cujas letras os orixás estão muito presentes (Prandi, 2023) e, finalmente, uma definição livre, isso é, sem fornecer nenhuma condição e nenhum autor como parâmetro. ■

A IA ofereceu os seguintes resultados:

Como uma entidade da fé afro-brasileira, Exu é interpretado por diferentes visões religiosas. Sob a perspectiva do pastor Silas Malafaia, Exu é considerado um símbolo de engano espiritual a ser evitado e resistido, segundo preceitos do cristianismo.

Para o bispo Edir Macedo da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), Exu é considerado uma entidade maligna e símbolo do mal, associado a práticas espirituais que devem ser combatidas e evitadas, sendo visto como um dos principais obstáculos espirituais a serem superados na fé cristã.

Reginaldo Prandi

Vinícius de Moraes, o grande poeta, que muito fez pela divulgação da cultura dos terreiros, enxergava Exu como um arquétipo complexo, representante das dualidades humanas, celebrando a figura como parte essencial da rica cultura afro-brasileira. Para o poeta, Exu personificava a conexão entre o divino e o terreno, um guardião das encruzilhadas, símbolo da vida em sua totalidade, mesclando o sagrado e o profano com harmonia poética.

Numa definição livre, não autoral, Exu é uma entidade da mitologia afro-brasileira, reconhecido como o mensageiro entre os planos espirituais, detentor de múltiplas facetas e dualidades. Na cultura religiosa afrodescendente, é associado à comunicação, às encruzilhadas e à energia vital, sendo venerado e reverenciado em diferentes tradições e crenças. Sua figura multifacetada representa a ambiguidade humana.

Nas visões “assinadas”, pelos líderes evangélicos, Exu continua associado ao mal, embora a IA não assuma essa posição, deixando explícito, logo de cara que: “Como uma entidade da fé afro-brasileira, Exu é interpretado por diferentes visões religiosas”. Ao nos dar sua construção para o que seria a voz de Vinícius de Moraes, Exu é elevado a um *status* superior na cultura brasileira, como talvez respondesse um porta-voz da própria religião. Ao dar, por fim, sua própria definição, isto é,

O candomblé na roda do tempo

sem seguir o pensamento explícito deste ou daquele, a IA se põe ao lado das concepções mais modernas e despidas de preconceito. Fala com neutralidade, como se fosse a voz do povo que já deixou para trás a intolerância religiosa e o racismo. Isso é mais um indicador das mudanças sociais e do lugar para onde elas apontam, num tempo em que Exu dança e é aplaudido por milhares ao se exhibir na comissão de frente de escolas de samba.

3

Há muito estamos habituados a consumir uma literatura que tem servido para divulgar para o Brasil e o mundo os orixás brasileiros trazidos do continente africano pelos escravizados. O mestre dos mestre é Jorge Amado. Em outro lugar escrevi (Prandi, 2012) que “a religião na Bahia”, segundo ele,

[...] não se separa do mundo real, que se mostra cheio de mistério, segredo e magia. Como é próprio do universo dos mistérios e segredos, esse cotidiano também está sempre permeado de ciladas e enganos e até de falsidades e mentiras. A vida nunca é exatamente o que parece ser, nem deixa de ser o que de fato é. Ingrediente excepcional para fazer crescer um

REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

Reginaldo Prandi

bom enredo. De um lado, homens e mulheres que se comportam como os deuses se comportariam se vivessem na Terra; do outro, orixás que precisam dos humanos para se alimentar no repasto dos ebós, para dançar na roda das feitas, para rememorar no transe das iaôs suas míticas aventuras. Sem nunca perder — deuses e mortais — a sensualidade, a malícia e a alegria de ser.

Esse Brasil de Amado é mágico, fantástico, negro. Como também é a Bahia do *Pagador de promessas*, de Dias Gomes, primeiro nos palcos e depois nas telas, como filme superpremiado de Anselmo Duarte. E na obra cinematográfica de Glauber Rocha.

Depois tem toda a farta presença dos orixás nas letras da música popular brasileira, do qual já falei muito e outros também (Prandi, 2023; Moura, 2022). Sem falar no samba-enredo, é claro (Augras, 1998; Mussa; Simas, 2024). Isso é o tido e sabido. Não há o que contestar, mas um olhar sobre a produção cultural brasileira de alta qualidade não deixa de mostrar mudanças recentes, que eu ousaria chamar de mudanças capazes de romper nossas fronteiras para mostrar um Brasil que, sem se mostrar Brasil, ganha raízes internacionais, vira coisa do mundo todo.

O candomblé na roda do tempo

Tomo um livro, um *best-seller* capaz de, por si, demonstrar meu argumento de que as religiões afro-brasileiras se avolumaram de importância como tema de uma literatura engajada que se desprende do país em que foi escrita para se tornar universal: o romance *Torto arado*, de Itamar Vieira Júnior. Um livro que conta a história de uma família que vive numa pequena vila baiana, do interior. E que o tempo todo faz referência a uma religião afro-brasileira muito pouco conhecida, o jarê, uma espécie de umbanda ou candomblé de caboclo adaptada às mais terríveis condições de pobreza, marginalização e sofrimento de uma população descendente de escravizados, um povo esquecido, que segue uma religião nem notada por quem vive fora dali.

Torto arado se divide em três partes, cada uma com seu narrador, dos quais duas são mulheres e outro é nada mais nada menos que uma entidade espiritual do jarê, religião citada constantemente no livro, não como religião propriamente, mas como fonte cultural implícita do meio em que tudo acontece. O jarê domina a cena sem que Itamar, contudo, gaste sequer uma palavra para explicar o que é o jarê. E quem sabe o que é o jarê? Em termos relativos, levando em conta o tamanho da população brasileira, ninguém. A menos que more na

Reginaldo Prandi

Chapada Diamantina ou que tenha lido o capítulo que Renato de Salles Senna escreveu para minha coletânea *Encantaria brasileira* (Prandi, 2004), livro publicado há vinte anos, ou o que se escreveu depois em dose mais generosa.

Essa é uma das condições que fazem do livro de Itamar uma obra para ser lida em qualquer parte do mundo, como de fato tem sido. Isso tem muito a ver com o que chamamos de universalização da religião: ela está aí e não precisa ser explicada, está em nosso cotidiano, independente de suas origens e das nossas. Por tudo isso, talvez possamos ganhar mais um presente pelas mãos de Itamar, além do livro, um prêmio Nobel, imagino, sem nenhum favor, agora que derrubamos por meio dele nossa condição cultural de fim do mundo. Do que nos interessa no presente escrito, dá para se provar com *Torto arado* que uma religião pode se transformar de étnica em universal sem deixar de ser étnica. Em outros termos, é o mesmo que botar uma bomba nos alicerces do preconceito racial, com que as religiões afro-brasileiras historicamente dividem o mesmo útero negro. Pessoalmente, desde o início dos anos 1970 espero o desabrochar de uma prova como essa. E o mais promissor é que todo mundo leu, se não leu, lerá um dia, os filhos lerão, com certeza os netos.

O candomblé na roda do tempo

O povo do jarê revelado pelo livro, que tomo como símbolo máximo de abertura de caminho novo na longa trajetória de mudança na mentalidade e no sentimento brasileiro por parte de quem não teme a diferença, não está sozinho. Nas últimas duas ou três décadas, livros sobre o candomblé e suas religiões irmãs se esparramaram pelas estantes das livrarias físicas e virtuais. As religiões afro-brasileiras só se mantiveram e se firmaram graças à habilidade de transmissão oral do conhecimento que lhe é própria, que ainda sustenta a reprodução de sua sacralidade, mas cuja prática vai caindo em desuso pelo declínio do modo de aprender de cor, que afetou também o ensino escolar, provocando mudanças nos métodos de letramento. Em contrapartida, neste mundo que muda tão depressa, essas religiões também ganharam o concurso dos veículos que hoje aceleram e asseguram a transmissão do saber: o livro, a internet de hoje, a junção deles num pequeno aparelhinho de uso individual e permanente, o *smartphone*. Bom, e tudo mais.

Entre esses livros sobre as religiões afro-brasileiras e seus deuses orixás, na condição de seguidor da estrada aberta por Pierre Verger, Carybé, que desenhava o que os outros escreviam, por Roger Bastide, Donald Pierson e Candido Procopio Ferreira de Camargo, que não tiveram medo de chamar

Reginaldo Prandi

o que viam nos terreiros de religião de verdade, inscrevo meu *Mitologia dos orixás* (Prandi, 2001), que pode ter colaborado na democratização desses saberes africanos naturalizados brasileiros, especificamente, o conhecimento dos objetos de culto que o Brasil herdou da África. *Mitologia dos orixás*, às vésperas de completar 25 anos de edição, contando com 37 reimpressões até este momento, contribuiu, quero crer, para criar uma demanda que põe os orixás em pé de igualdade com os deuses gregos, romanos, egípcios, nórdicos, hindus. Tornaram-se clássicos, ou não? Depois vieram as versões infantojuvenis, cada vez mais adotadas pelas escolas, juntamente com obras similares de outros autores, contribuindo para a criação de um nicho específico para os orixás na cultura não religiosa, ao lado de outros heróis universais, assumindo seu lugar de direito, em que a presença indígena vai também tomando assento. Creio que a familiaridade da cultura popular não sacra com a cultura do terreiro robustece a religião.

4

Então chegou a pandemia da Covid-19 e, com ela, apesar do negacionismo do governo federal de então, a necessidade de isolamento. Tudo parou: comércio, fábricas, bares e restaurantes, escolas, cinemas e teatros, igrejas, centros e terreiros religiosos. No âmbito da religião talvez tenham sido as religiões afro-brasileiras as que mais se ressentiram do *lockdown*. Porque a celebração dos orixás, voduns, inquices e encantados se faz oferecendo aos deuses e espíritos tudo aquilo que se dá aos membros da família, especialmente comida e diversão. Difícil imaginar o candomblé sem dança, sem a presença ritual dos orixás manifestados no transe, o que implica gente reunida, tocando, cantando e dançando. Devotos preparando as os pratos prediletos dos orixás, fazendo uso de ingredientes que incluem carnes dos animais votivos que devem ser abatidos no terreiro, sob preceitos religiosos, como em outras religiões. Num candomblé tudo é cantado, toda e qualquer oração tem seu ritmo e melodia, velho e poderoso artifício para manter as palavras vivas na memória. O canto raramente é solitário, prevalece o coral de estilo responsorial, em que um líder canta

REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

Reginaldo Prandi

e os demais repetem, enquanto os tocadores sustentam a base rítmica. Mas na pandemia as pessoas não podiam se juntar para nada disso.

As religiões cristãs há muito usam o rádio e a televisão para suas missas, pregações e outras formas de louvação. Há igrejas evangélicas que devem seu sucesso à propriedade de redes de televisão e de rádio, outras alugam horário em emissoras de terceiros. Quem nunca assistiu à pregação de pastores e padres na TV? Que católico nunca assistiu à missa do galo celebrada no Vaticano pelo papa? Quantos veem a missa de casa em vez de ir à igreja? Mas esse mundo rádio-televisivo para gente do candomblé, da umbanda e de outras denominações afro-brasileiras era terra virgem. Mais que isso, o candomblé também é uma religião de serviços, que oferece aconselhamento por meio do jogo de búzios, realizado pelo pai ou mãe de santo frente a frente com o consulente. As espórtulas advindas dessa atividade oracular são muito importantes para o sustento do terreiro, onde simplesmente não se reza ou se canta, mas se oferece comida aos deuses. Essa materialidade do culto depende do dinheiro arrecadado por meio do trabalho oracular, que também paga as despesas do cotidiano do pai ou da mãe de santo, que se dedica em tempo integral ao atendimento

O candomblé na roda do tempo

dos filhos e das filhas de santo em suas obrigações periódicas, cuidando dos clientes que não seguem a religião, mas vão a ela em busca de solução de problemas do corpo e do espírito, devendo zelar dos orixás e seus assentamentos, para que não lhes falte água de beber, alimentos e outros cuidados rituais.

As religiões cristãs, nesse sentido, tiveram maior facilidade de dar continuidade a seus serviços religiosos mesmo com as portas fechadas, contando com o rádio e a televisão, mas o candomblé teve que aprender e aceitar práticas antes consideradas impróprias, como o jogo de búzios não presencial. Muitas lideranças aprenderam a fazer uso de videoconferências por meio do *smartphone*, às vezes contando com um grupo muito reduzido e usando máscaras para proferir saudações cantadas, que podiam ser acompanhadas pelos devotos diretamente de suas casas. A *live* pelo celular ou pelo *laptop* deixou de ser mistério. Muitos dos jovens filhos e filhas do terreiro têm grande facilidade em lidar com esses objetos eletrônicos e serviram de apoio decisivo a seus pais e mães, mais velhos e menos afeitos às facilidades da informática. E para o jogo de búzio à distância, sim, essa “quizila” teve que ser quebrada. Primeiro o contato telefônico para marcar hora e condições, a geração de *links* para estabelecer a comunicação, o jogo feito de longe e o uso de Pix

Reginaldo Prandi

e outras transferências bancárias eletrônicas para o pagamento do serviço. Quando havia prescrição de oferendas, essa se realizava com a presença de pouquíssimos, podendo o cliente acompanhar o oferecimento votivo por meio eletrônico.

A presença de pais e mães e suas *lives* na internet, em redes sociais e grupos de WhatsApp, propiciou, em certos casos, a ampliação do número de seguidores do terreiro. Agora que a distância deixava de ser um empecilho, filhas e filhos do terreiro podiam se conectar de qualquer cidade, estado, ou país. Evidentemente, tudo era feito num compasso de espera. Cerimônias complexas que implicam o recolhimento no terreiro foram adiadas. As festas dos orixás, com a presença de todos desempenhando seus respectivos papéis, tiveram que ser canceladas ou postergadas *sine die*.

Em muitos terreiros, todos se juntavam através de seus computadores e celulares para cantar as rezas para Omulu, o orixá da peste. Para que os protegesse do contágio, os livrasse de ser vitimados pela pandemia. A Xangô se pedia que o governo federal providenciasse as vacinas para todos, que ampliasse os leitos hospitalares, que disponibilizasse um dinheiro mínimo para os que perderam emprego e renda pudessem sustentar suas famílias. Para Iemanjá se pedia paz de

O candomblé na roda do tempo

espírito, bom juízo e firmeza na travessia desse mar morto. Mais de uma vez acompanhei *lives* pelo Youtube em que se cantava para Omulu, Oxaguiã e Euá para que iluminassem a inteligência e o saber dos cientistas na busca da vacina contra o coronavírus, na descoberta de remédios para combater o vírus, curar a doença e minimizar suas sequelas. Muito se rezou para que Iansã cuidasse bem dos mortos, quando o próprio presidente da república na época lavava as mãos e declarava “Eu não sou cozeiro”.

Finalmente a força da pandemia arrefeceu, a maioria da população foi vacinada, muitos ainda chorando os 700 mil brasileiros mortos de covid, arrancados de seu convívio, e a vida foi, pouco a pouco, voltando ao normal, deixando instalada talvez para sempre algumas práticas de saúde segundo o que se chamou de “pós-normal”. A religião voltou ao seu funcionamento nos moldes pré-pandemia. Mas o candomblé tinha mudado e algumas das práticas adotadas acabaram sendo preservadas no conjunto da “tradição”. O que se aprendeu não foi esquecido. E o exemplo mais emblemático é o jogo de búzios on-line, que veio para ficar, embora em alguns terreiros nunca tenha sido adotado e em outros, mantido como alternativa ao jogo presencial, a depender da situação. Mas não há

Reginaldo Prandi

mais, como antes da pandemia, quem julgue a prática como ilegítima ou intolerável.

Do chão de terra batida ao piso revestido, do fogão a lenha ao fogão a gás, da luz de lampião à iluminação a LED, do ferro a brasa ao ferro elétrico, do lavar roupa no riacho à lavadora elétrica, do pilão ao liquidificador, da garganta potente do puxador de cantigas ao canto ao microfone. A lista de mudanças adotadas ao longo dos rígidos tempos da “tradição” é muito maior que essa. A elas se acrescentaram agora as que defenderam sacerdotes e seguidores da peste que parou o mundo. ■ O que me faz lembrar também da epidemia do HIV, que, em décadas anteriores, levou os terreiros de candomblé a adotarem o uso da navalha pessoal, de uso exclusivo, que veio substituir a navalha única da mãe de santo, usada na reabertura dos aberês (cortes cerimoniais identitários) de todos os membros da casa, numa cerimônia que encerrava o período da Quaresma, prática que, na época, fez com que a propagação do HIV, muito antes da descoberta de drogas protetoras, dizimasse muitos terreiros. Não foram poucos os babalorixás e ialorixás que, abandonando o isolamento de seus tronos reais, se juntaram a médicos e outros profissionais da saúde em campanhas de prevenção sanitária contra o HIV nos meios do povo de santo.

O candomblé na roda do tempo

Às vezes com dificuldades e certo sentimento de poder estar incorrendo em algum erro capaz de afrontar os orixás, as pessoas da religião sabem que o mundo muda, pois isso pode facilmente ser percebido em casa, na escola, no trabalho, na rua. E que a religião, para se manter viva, tem que acompanhar as mudanças na sociedade e saber lidar com seus tropeços. De todo modo, acima de qualquer coisa, é o axé que tem que ser preservado e para isso a religião tem que existir, talvez seja essa a orientação maior que rege a mudança.

5

Até os anos 1930, o responsável pelo oráculo do candomblé era o babalaô, sacerdote de Ifá, que participava de uma confraria exclusivamente masculina, aos moldes africanos tradicionais, e que contava com a assistência ritual de uma sacerdotisa de Oxum, a chamada apetebi. O baiano Martiniano Eliseu do Bonfim, que passou a juventude na Nigéria, onde foi iniciado, foi o mais famoso de todos os babalaôs em terras brasileiras, tendo falecido em 1943. Foi figura decisiva na consolidação do candomblé, como uma espécie de suporte

Reginaldo Prandi

e conselheiro para as primeiras grandes mães de santo. Outro nome importante foi Felizberto Sowzer, pai Benzinho, falecido em 1933. Nascido e criado na Nigéria, atuou intensamente na formação do candomblé no Brasil. Enfim, na década de 1940 a confraria dos babalaôs no Brasil estava extinta, sobretudo porque as mães de santo foram tomando para si a prerrogativa de atuar como oráculos dos orixás, livrando-se da autoridade masculina do babalaô. Até hoje, no âmbito do candomblé e outras denominações similares, cabe à mãe ou ao pai de santo o exercício oracular. Há o caso excepcional de Agenor Miranda Rocha, o Professor, falecido em 2004, aos 96 anos, iniciado desde menino para o papel de iaô de Oxalá. O Professor tornou-se grande autoridade na consulta dos búzios, famoso por sua atuação em épocas de sucessão na chefia dos mais importantes terreiros, quando o orixá dono da casa deve, segundo crença arraigada, ser ouvido por meio dos búzios. Mas o Professor não era nem nunca se considerou um babalaô, preferindo ser chamado de “olhador”.

Desaparecido no Brasil, o babalaô tornara-se supérfluo, sua tarefa assumida pelos chefes de terreiro, os pais e as mães de santo. O mesmo não aconteceu em Cuba, onde o babalaô ainda é o sacerdote de posto mais elevado na religião e de onde

O candomblé na roda do tempo

têm chegado, nos últimos anos, babalaôs dispostos a reconstituir esse sacerdócio no Brasil (Lopes, 2020).

Nos últimos anos o Brasil tem recebido boa quantidade de babalaôs originários da Nigéria e de Cuba, alguns depois de passagem pelos Estados Unidos. Simultaneamente, muitos brasileiros seguidores do candomblé têm buscado na África sua iniciação ao sacerdócio de Ifá, ou Orunmilá, retornando com o título de babalaô. Pierre Verger, já muito famoso por sua enorme contribuição na consolidação e legitimação social do candomblé em razão de seu trabalho de fotógrafo e etnólogo, iniciou-se babalaô no Benim, retornando com o nome ampliado de Pierre Fatumbi Verger. Foi talvez o mais importante bastião da religião dos orixás no Brasil, compondo um grupo de homens brancos que inclui Carybé, Jorge Amado, Roger Bastide, Vinícius de Moraes e Vivaldo da Costa Lima.

Dos babalaôs cubanos e nigerianos que chegaram nas últimas décadas ao Brasil, muitos ficaram aqui definitivamente, atendendo clientes seguidores ou não das religiões afro-brasileiras, iniciando muita gente nas artes da adivinhação, formando grupos de seguidores e fundando casas religiosas próprias. Nascia uma nova religião, que nos últimos vinte anos foi se consolidando, a religião de Ifá, também chamada de ifismo

REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

Reginaldo Prandi

e ifaísmo. Muitos procuraram se associar a terreiros existentes e seus babalorixás e ialorixás, mas não são muito os chefes de terreiros preexistentes dispostos a dividir com os novos baba-lão o poder de mando religioso. Essa nova forma de reconstituir o culto de Ifá nos antigos moldes ainda não encontrou um formato próprio, mas é comum encontrarmos iniciados que se dizem pertencentes ao culto de Ifá, que, ao que tudo indica, deixou para trás a condição, preservada na santeria cubana, de culto masculino. Um ganho para as mulheres, sem dúvida.

Algumas casas de Ifá já se encontram consolidadas, tendo assumido também o culto dos demais orixás, mas sua ligação com as casas de candomblé ainda é uma incógnita, muitas vezes fonte de disputas e acusações. De todo modo, os filhos de Ifá vão aos poucos construindo seu caminho, cuja origem não está no candomblé, religião brasileira, mas nas religiões afro-cubanas e africanas de cultura iorubá.

6

Nestes últimos vinte ou trinta anos muita coisa mudou no candomblé e outras religiões e continua mudando; há novas situações problemáticas na sociedade que demandam respostas não só da religião, mas também da ciência, da tecnologia, das artes, da política. No âmbito da administração das coisas do sagrado, os evangélicos mudaram muito, assumiram uma nova teologia e ingressaram na política partidária e se meteram no governo, num movimento que lhes foi muito favorável e que lhes proporcionou enorme expansão em termos de denominações, igrejas e seguidores e que lhes deu um protagonismo sociopolítico por nada e ninguém imaginado nos idos dos anos 1970, quando a pesquisa sistemática da religião por sociólogos ganhou corpo e especial atenção por parte da universidade. O catolicismo testou mais de uma via teológica, com formação de pensamentos e grupos internos às vezes contraditórios, sem nunca ter sido capaz de deter o avanço evangélico pentecostal sobre suas fileiras. Em busca de um lugar decisivo no palco da vida contemporânea, o catolicismo assumiu nos últimos anos a figura à Quixote de defensor do meio ambiente, na tentativa

Reginaldo Prandi

de recuperar a importância no governo das coisas deste mundo, que reteve por quase dois mil anos e que viu escorrer por entre os dedos por força da secularização, que aceita a religião na administração da intimidade, mas que não está disposta a lhe devolver inteiramente o poder que, falando do Ocidente, conseguiu lhe extrair.

Nesse refazer de forças e busca por influências, a forma como as religiões se enfrentam, disputam espaços e importância, assumem rituais e traços doutrinários que já caracterizaram exclusivamente a religião com que ora competem, o universo religioso não para de nos surpreender. Só para lembrar: os dons do Espírito Santo dos católicos carismáticos já foram prática exclusiva das igrejas pentecostais e neopentecostais; a doutrina de que o bom cristão tem direito às facilidades e ao conforto material que o desenvolvimento econômico e social cria não adentrava as portas evangélicas, era coisa de católico, que a teologia da prosperidade neopentecostal sabiamente tomou também para si, como lastro de sua incrível ascensão em sua aspiração de se transformar na maioria religiosa do país. A caminhada do catolicismo tem sido compreensivelmente dificultada pela necessidade de dar passos atrás para compensar os passos à frente na tentativa de mudar mais radicalmente,

O candomblé na roda do tempo

como, por exemplo, no caso da abertura do sacerdócio pleno à mulher, da inclusão de católicos de gênero não binário, da liberação da eucaristia aos divorciados.

No mudar de orientações e rumos, uma dada religião pode se transformar em empecilho e inimiga da outra. A diferença gera enfrentamento, velhos e superados problemas são renovados. O candomblé sofreu conhecida perseguição por parte de órgãos de governo, como a polícia, e por parte da imprensa. Teve que se esconder no mato distante, ocultar seu cerimonial mais incompreendido pelos outros e cercar-se de amigos advindos de posições de prestígio da sociedade branca inclusiva em busca de proteção. Quando tudo isso parecia resolvido, sobretudo nos anos 1960 e 1970, com a descoberta e valorização da cultura de candomblé pela música popular, pela literatura, pelo cinema etc., um novo inimigo se levantou, dessa vez na própria esfera das religiões de conversão: os evangélicos pentecostais e neopentecostais, sobretudo.

A intolerância religiosa e os ataques a terreiros afro-brasileiros e seus membros por muitos desses cresceu a ponto de levar o Supremo Tribunal Federal a declarar constitucional o rito do abate votivo de animais, derrubando leis municipais e estaduais que procuravam impedi-lo, e incluir a violência con-

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Reginaldo Prandi

tra qualquer prática religiosa no crime inafiançável e imprescritível de racismo. A Lei explicitamente passou a defender o candomblé e a liberdade religiosa, mas, mesmo assim, muitos dizem e dirão “A lei, ora a lei”.

▪

Referências

- AUGRAS, Monique. *O Brasil do samba-enredo*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- BALLOUSSIER, Anna Virginia. Templos evangélicos crescem 228% em duas décadas no país. *Folha de S.Paulo*, 8 de dezembro, p. B2, 2023.
- CAMARGO, Candido Procopio Ferreira de; PRANDI, Reginaldo et al. *Católicos, protestantes, espíritas*. Petrópolis: Vozes, 1973
- CAMARGO, Candido Procopio Ferreira de; SOUZA, Beatriz Muniz de; PIERUCCI, Antônio Flávio. Igreja Católica: 1945-1970, In: FAUSTO, Bóris (org.). *História geral da civilização brasileira: o Brasil republicano*. v. III-4, p. 343-380. São Paulo: Difel, 1984.
- LOPES, Nei. *Ifá lucumí: o resgate de uma tradição*. Rio de Janeiro: Pallas, 2020.
- MACHADO, Maria das Dores Campos; CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecília & FRESTON, Paul. O avanço do sionismo cristão. *Folha de S.Paulo*, 7 de março, p. A3, 2024.
- MOURA, Roberto. *Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro*. 3. ed. São Paulo: Todavia, 2022.
- MUSSA, Alberto; SIMAS, Luiz Antonio. *Samba de enredo: história e arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.
- PIERUCCI, Antônio Flávio; PRANDI, Reginaldo. *A realidade social das religiões no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1996.

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Reginaldo Prandi

- PIERUCCI, Antônio Flávio. Secularização e declínio do catolicismo. *In:* SOUZA, Beatriz Muniz de; MARTINO, Luís Mauro Sá (orgs.). *Sociologia da religião e mudança social*, p. 11-21. São Paulo: Paulus, 2004.
- PRANDI, Reginaldo. Posfácio. *In:* AMADO, Jorge. *O compadre de Ogum*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- PRANDI, Reginaldo. *Os candomblés de São Paulo*. Nova edição ampliada. Itanhaém, Arché, 2020.
- PRANDI, Reginaldo. *Brasil africano*. Itanhaém: Arché, 2022.
- PRANDI, Reginaldo. *Segredos guardados*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.
- SENNA, Renato de Salles. Jarê, a religião da Chapada Diamantina. *In:* PRANDI, Reginaldo (org.). *Encantaria brasileira*. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.